

Waddington apóia o “tratamento de choque”

por Reginaldo Heller
do Rio

O presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento e Desenvolvimento (ANBID), Ary Waddington, está, também, cerrando fileiras com a corrente de opinião liderada pelos ex-ministros Octavio Gouvêa de Bulhões e Mário Henrique Simonsen, hoje árdios defensores de uma severa política — um verdadeiro tratamento de choque — para o combate à inflação. Waddington, em entrevista ontem, afirmou que não há mais condições de se conviver com altos índices de preços. “Estamos arcando com o ônus da recessão, com o mesmo custo em termos de produção e emprego de uma terapia de choque, sem auferir os benefícios que uma ação sistemática poderia trazer a toda a economia”, disse ele, lembrando a alta taxa de desemprego e inflação vigente.

Na sua opinião, “o governo deveria reduzir drásti-

camente o nível de subsídios diretos e indiretos que concede e, ainda, realizar imediatamente uma contenção de seus gastos”. “Apenas com uma parcela insignificante dos subsídios, não mais de 10 ou 20%, seria possível criar rapidamente um programa amplo de seguro social e de capitalização das empresas”, afirmou o presidente da ANBID. Ele defendeu, também, a tese de Simonsen, favorável a um expurgo da correção monetária e da correção dos salários, muito embora a eliminação do sistema atual de indexação apenas seria viável com a drástica redução da taxa de inflação.

Ele acha, ainda, que a equipe financeira do governo não está conseguindo suportar as “enormes pressões” que outros segmentos vêm exercendo para manter inalterados os gastos públicos e que só a ação direta do presidente da República poderá conduzir a uma superação do atual impasse.